

MÚSICA CAIPIRA OU MÚSICA SERTANEJA?

Fernando Pereira

Professor do IMES. Jornalista, Fotógrafo profissional e Músico.

Música caipira, música sertaneja e música de raiz. Três gêneros musicais distintos ou diferentes nomes para uma modalidade musical que volta a cair no gosto do público? O fato é que a discussão é antiga e cada estudioso e/ou especialista usa métodos distintos para tratar o assunto.

De um gênero que remonta à chegada dos jesuítas ao Brasil e que se fixou nos ciclos dos festejos populares do interior do país, a chamada música caipira foi se adaptando aos tempos, sofrendo influências – naturais e impostas pela indústria cultural – e transformou-se num fenômeno de consumo que sustenta emissoras de rádio, gravadoras e fabricas duplas milionárias.

Na verdade, antigamente, música sertaneja queria dizer que tinha vindo do sertão. O caipira do Interior de São Paulo fazia música sertaneja, pois era o homem da roça. O caiçara do litoral fazia música sertaneja. No Nordeste brasileiro, o homem do agreste com seus martelos agalopados e baiões fazia música sertaneja. O mesmo se dava no Mato Grosso, com o seu cururu e no Rio Grande do Sul, com sua chimarrita. Isso tudo até surgir o disco.

A música caipira, pura arte do homem interiorano de São Paulo, sempre ficou escondida nos rin-

cões, longe das grandes cidades. Isso até um certo Cornélio Pires, jornalista, cronista e escritor aparecer na Capital com um grupo de lavradores para se apresentar à gente da cidade. Já com a denominação de “sertanejo”, o grupo, com instrumentos simples como a viola caipira, executava músicas e ritmos do seu dia-a-dia como o catira, a moda de viola, o lundu, o cururu, etc... Em 1929, Cornélio Pires resolve gravar essa produção musical “folclórica” em discos e, desacreditado pela gravadora Columbia, resolveu bancar do seu próprio bolso a gravação e edição do primeiro álbum, que em poucos dias de lançamento esgotou-se nas lojas. Começava o interesse pelo estilo por parte das gravadoras. Duplas começaram a surgir aos montes, com destaque para *Mariano e Caçula*, *Zico Dias e Ferrinho* e, *Olegário e Lourenço*.

Em 1944, a música caipira, já batizada oficialmente de música sertaneja pela indústria fonográfica, já contava com 40% do mercado de consumo. Surgem novas duplas de enorme sucesso junto ao público como *Alvarenga e Ranchinho*, *Tonico e Tinoco*, *Jararaca e Ratinho*, *Mineiro e Mineirinho* e *Tião Carreiro e Pardinho*.

Até então, todas as duplas mantinham características da autêntica música caipira:

- a) o canto executado em terceiras;
- b) os instrumentos acústicos e tradicionais, ou seja, violão e viola. A viola caipira tem dez cordas sem o tradicional bordão da música popular urbana;
- c) letras descritivas de um ambiente ou de um sentimento. Com temas relacionados ao amor e à vida na cidade. Elas contam uma história que pode ser vivida pelo autor ou por um segundo personagem;
- d) quando não é lírica, a letra revela a experiência cotidiana da vida na roça;
- e) jamais usam o vibrato;
- f) a maioria dos cantores é tenor; os barítonos e os baixos são raros e as canções são interpretadas em 1ª e 2ª voz.

Caindo definitivamente no gosto popular, a música sertaneja chega ao rádio e as gravadoras. Não demoram a inventar maneiras de aumentarem as vendas. Para isso se valem da mistura de ritmos. Colaborou para essa mistura um dos maiores compositores do gênero sertanejo, Raul Torres, (autor de *Cabocla Tereza*, *Saudades de Matão*, *Pingo d'Água*, entre muitas outras). Com apuradíssimo faro para o sucesso, Raul Torres mudava de gênero dependendo da ocasião. Além das músicas caipiras, compôs marchi-

nhas de Carnaval, emboladas e canções juninas. Em suas viagens, procurava novos ritmos e gêneros para depois utilizar em suas composições. Ele foi o primeiro a misturar música caipira e guarânia, ritmo popular no Paraguai. Raul não tinha preocupação em fazer algo puro. Ele foi um dos responsáveis pela misturada que virou o sertanejo. Porém, quando já estava rico, desfrutando do sucesso, fazia questão absoluta de dizer: "Me chamo Raul Torres, sou caipira, sim, senhor!"

A comercialização cada vez maior da música sertaneja acabou por modificar suas características, pois produziam aquilo que os elementos especializados em mercado de consumo lhes determinavam. As duplas passaram a gravar canções com influências de boleros e corridos mexicanos.

A partir das décadas de 70 e 80 vale tudo, sobretudo o lucro. As chamadas "duplas caipiras" buscam um novo visual, uma nova imagem que, na realidade, é o

resultado da mistura de hábitos e costumes do homem que deixou o interior e tenta se enquadrar na modernidade da vida urbana dos grandes centros. A nova música sertaneja assume a globalização e os seus expoentes são Léo Canhoto e Robertinho, dupla que assimila o bang-bang italo-americano, com sofisticada aparelhagem eletrônica e músicas cada vez mais distantes do universo sertanejo.

A indústria fonográfica, por seu lado, para manter o rico filão, continua a chamar esse tipo de produção de música sertaneja, por sinal como fazem até hoje com a geração dos "cowboys do asfalto". A country music norte-americana é a influência dessa vez, que se estende ao vestuário, aos instrumentos com a utilização do banjo e até no comportamento dos artistas.

Mas nem tudo está perdido. Paralelamente a toda essa degeneração da autêntica música caipira, surgem os puristas que

procuram preservar as características originais da música do homem do campo e suas tradições artísticas. Hoje, mais do que nunca, estão se fortalecendo pelo país movimentos de preservação dessa identidade cultural. Uma preservação que nos chega através das Folias de Reis e do Divino, Congadas, Moçambiques, Catiras. Preservação feita por artistas como *Rolando Boldrin, Renato Teixeira, Almir Sater, a dupla Pena Branca e Xavantinho, Roberto Corrêa, Passoca, Pereira da Viola*, entre outros, que resgatam não só a verdadeira música caipira, mas a verdadeira música sertaneja, em discos e shows. Outros ainda preferem usar o termo "música de raiz" para designar esse resgate. Resgate esse que só é verdadeiro quando feito com uma autêntica "violinha caipira de 10 cordas", instrumento musical símbolo de um Brasil brasileiro, sem mistura do estrangeiro, um Brasil nacional. Um Brasil caipira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, O. **Música popular brasileira**. [S.l.]: Duas Cidades, 1999.

ANDRADE, M. **Aspectos da música brasileira**. São Paulo: Martins Editora, 1965.

BARRIGUELLI, J. C. O teatro popular rural: o circo-teatro. **Revista Debate & Crítica**, São Paulo, n.3, 1974.

BRANDÃO, C. R. **O que é folclore?**. São Paulo: Brasiliense, [19--]. (Primeiros Passos).

CALDAS, W. **Acordes na aurora: música sertaneja e indústria cultural**. São Paulo: Nacional, 1979.

CAMPOS, A. **Balanço da bossa e outras bossas**. [S.l.]: Perspectiva, 1999.

CÂNDIDO, A. **Parceiro do Rio Bonito**.

CÔRREA, R. **A arte de pontear viola**. [S.l.]: Edição do Autor, 1999.

FERRETE, J. L. **Capitão Furtado: viola caipira sertaneja?**. [S.l.]: FUNARTE, 1985.

JAMBEIRO, O. **Canção de massa**. [S.l.]: Biblioteca Pioneira de Arte e Comunicação, 1986.

MELLO, Z. H. Nos sons do Brasil rural, chapéu de palha, pito e viola. [S.l.]: Abril, 1983. Suplemento Música Sertaneja.

MUGNAINI JUNIOR, A. **Enciclopédia das músicas sertanejas**. [S.l.]: Letras & Letras, 2001.

NEPOMUCENO, R. **Música caipira: da roça ao rodeio**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

PIMENTEL, S. V. **O chão é o limite: a festa do peão de boiadeiro, e a domesticação do sertão**. [S.l.]: UFG, 2001. VER

SANT'ANA, A. R. **Música popular e moderna poesia brasileira**. [S.l.]: Vozes, 1985.

SANT'ANA, R. **Moda é viola: ensaio do cantar caipira**. [S.l.]: Arte e Ciência, 2000.

SIQUEIRA, B. **Origens do termo samba**. [S.l.]: IBRASA : MEC, 1989.

TINHORÃO, J. R. **Pequena história da música popular: música popular de índios, negros e mestiços**. [S.l.]: Vozes, 1974.

_____. **Música popular: um tema em debate**. Rio de Janeiro: Saga, 1966.

_____. **Música brasileira: um tema em debate**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto**. Petrópolis: Vozes, 1974. São Paulo: Círculo do Livro, abril 1978.

_____. **Música popular: os sons que vêm da rua**. São Paulo: Vozes, 1976.

_____. **Música popular: do gramofone ao rádio e TV**. São Paulo: Ática, 1981.